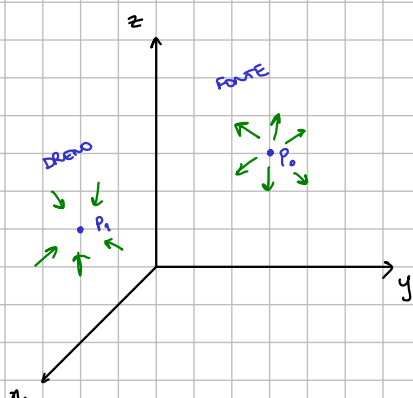


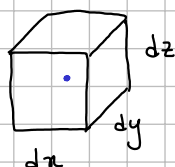
DIVERGENTE & LAPLACIANO

COMEÇAMOS POR ENTENDER O DIVERGENTE DE UM CAMPO VETORIAL \vec{F} . O DIVERGENTE MEDE O FLUXO LÍQUIDO DO CAMPO POR UNIDADE DE VOLUME (QUANDO ESSE VOLUME VAI PARA ZERO E PASSA A SER INFINITESIMAL).



NA PRÁTICA, ELE INDICA FONTES (SOURCES) E DRENOS (SINKS) DE UM CAMPO VETORIAL. POR CONSEQUÊNCIA, SE HÁ UMA FONTE O DIVERGENTE É POSITIVO, E EM CASOS DE DRENO, NEGATIVO.

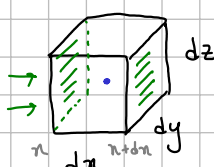
PARA CONSTRUIR O OPERADOR, SAÍMOS DE SUA DEFINIÇÃO: PRECISAMOS COMPUTAR O FLUXO DO CAMPO NO VOLUME INFINITESIMAL



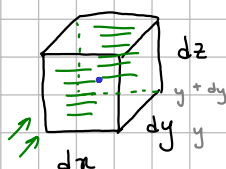
VAMOS SAIR DE COORDENADAS CARTESIANAS.
O VOLUME É:

$$dV = dx dy dz$$

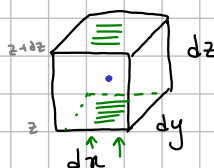
AGORA VAMOS VER O FLUXO EM CADA DIREÇÃO. COMEÇAMOS COM x :



$$F_x(x+dx) dy dz - F_x(x) dy dz \equiv \text{FLUXO EM } x$$



$$[F_y(y+dy) - F_y(y)] dx dz \equiv \text{FLUXO EM } y$$



$$[F_z(z+dz) - F_z(z)] dx dy \equiv \text{FLUXO EM } z$$

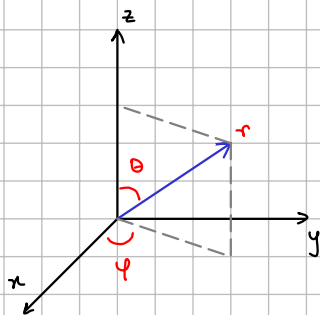
O FLUXO TOTAL É A CONTRIBUIÇÃO EM CADA DIREÇÃO. DIVIDINDO PELO VOLUME TOTAL, TEMOS A DENSIDADE DO FLUXO PONTO A PONTO (O DIVERGENTE):

$$\vec{\nabla} \cdot \vec{F} = \frac{[F_x(x+dx) - F_x(x)] dy dz + [F_y(y+dy) - F_y(y)] dx dz + [F_z(z+dz) - F_z(z)] dx dy}{dx dy dz}$$

$$\vec{\nabla} \cdot \vec{F} = \frac{F_x(x+dx) - F_x(x)}{dx} + \frac{F_y(y+dy) - F_y(y)}{dy} + \frac{F_z(z+dz) - F_z(z)}{dz} = \frac{\partial F_x}{\partial x} + \frac{\partial F_y}{\partial y} + \frac{\partial F_z}{\partial z}$$

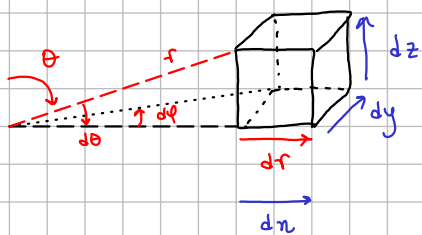
DEFINIÇÃO DE DERIVADA PARCIAL
QUANDO $dx \rightarrow 0$

CASO A GENTE FOSSE PENSAR O PROBLEMA EM OUTRAS COORDENADAS, PRECISARIAMOS PRIMEIRO REPENSAR O VOLUME NESSE NOVO SISTEMA. POR EXEMPLO, VAMOS PENSAR AS ESFERICAS:



NESSE SISTEMA, O ANTIGO CUBO DE VOLUME INFINITESIMAL

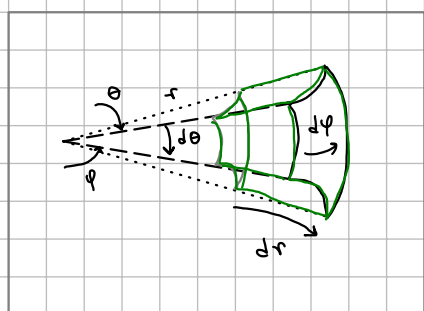
$$dV = dx dy dz, \text{ É ESCRITO COMO}$$



$$\begin{cases} dr = dr \\ dz = r d\theta \quad (d\theta \ll 1) \\ dy = r \sin\theta d\phi \quad (d\phi \ll 1) \end{cases}$$

PENSA QUE ESSE CARINHA SE DEFORMA EM UM CUBO QUANDO $dr, d\theta, d\phi \ll 1$

$$\text{DESSE MODO: } dV = r^2 \sin\theta dr d\theta d\phi$$



ENTÃO:

AS ÁREAS NÃO SÃO IGUAIS

$$\begin{aligned} \Phi_r &= F_r(r+dr) \left[(r+dr) \sin\theta d\phi (r+dr) d\theta \right] - F_r(r) \left[r \sin\theta d\phi r d\theta \right] \\ &= F_r(r+dr) \left[(r^2 + 2rdr + \underbrace{dr^2}_{\text{desce}}) \sin\theta d\phi d\theta \right] - F_r(r) r^2 \sin\theta d\phi d\theta \\ &= [F_r(r+dr) - F_r(r)] r^2 \sin\theta d\phi d\theta + 2r F_r(r+dr) dr \sin\theta d\phi d\theta \end{aligned}$$

DIVIDINDO POR $dV = r^2 \sin\theta dr d\theta d\phi$, TEMOS

$$\frac{F_r(r+dr) - F_r(r)}{dr} + \frac{2}{r} F_r(r+dr) \xrightarrow{dr \rightarrow 0} \frac{\partial F_r}{\partial r} + \frac{2}{r} F_r(r) \quad \text{QUE PODEMOS ESCRIVER MAIS COMPACTAMENTE COMO}$$

$$\frac{\Phi_r}{dV} = \frac{1}{r^2} \frac{\partial}{\partial r} (r^2 F_r) \quad \text{DERIVADA DO PRODUTO}$$

BASTA REPETIR O MESMO PARA AS OUTRAS COMPONENTES (LEMBRANDO QUE A ÁREA NÃO É CONSTANTE COMO NO CASO DAS CARTESIANAS).

$$\begin{aligned} \Phi_\theta &= F_\theta(\theta+d\theta) [dr r \sin(\theta+d\theta) d\phi] - F_\theta(\theta) [dr r \sin\theta d\phi] \\ &= F_\theta(\theta+d\theta) \left[r \left(\underbrace{\sin\theta \cos\theta d\theta}_{\approx 1, d\theta \ll 1} + \underbrace{\sin d\theta \cos\theta}_{\approx d\theta, d\theta \ll 1} \right) dr d\phi \right] - F_\theta(\theta) r \sin\theta dr d\phi \\ &= F_\theta(\theta+d\theta) (r \sin\theta + r \cos\theta d\theta) dr d\phi - F_\theta(\theta) r \sin\theta dr d\phi \\ &= [F_\theta(\theta+d\theta) - F_\theta(\theta)] r \sin\theta dr d\phi + F_\theta(\theta+d\theta) r \cos\theta dr d\phi d\theta \end{aligned}$$

$$\frac{\Phi_\theta}{dV} = \frac{F_\theta(\theta+d\theta) - F_\theta(\theta)}{d\theta} \frac{1}{r} + F_\theta(\theta+d\theta) \frac{1}{r \cos\theta} \xrightarrow{d\theta \rightarrow 0} \frac{1}{r} \frac{\partial F_\theta}{\partial \theta} + \frac{F_\theta}{r \cos\theta} = \frac{1}{r \sin\theta} \frac{\partial}{\partial \theta} (\sin\theta F_\theta)$$

$$\Phi_\phi = F_\phi(\phi+d\phi) [r dr d\theta] - F_\phi(\phi) [r dr d\theta] = [F_\phi(\phi+d\phi) - F_\phi(\phi)] r dr d\theta$$

↓
NESSE CASO A ÁREA É CONSTANTE

$$\frac{\Phi_\varphi}{d\varphi} = \frac{F_\varphi(\varphi + d\varphi) - F(\varphi)}{r \sin\theta d\varphi} \xrightarrow{d\varphi \rightarrow 0} \frac{1}{r \sin\theta} \frac{\partial F_\varphi}{\partial \varphi}$$

Assim concluímos a demonstração do divergente em coordenadas esféricas:

$$\vec{\nabla} \cdot \vec{F} = \frac{1}{r^2} \frac{\partial}{\partial r} (r^2 F_r) + \frac{1}{r \sin\theta} \frac{\partial}{\partial \theta} (\sin\theta F_\theta) + \frac{1}{r \sin\theta} \frac{\partial F_\varphi}{\partial \varphi}$$

Mais rigorosamente, o que mostramos foi: $\vec{\nabla} \cdot \vec{F} = \lim_{V \rightarrow 0} \frac{1}{V} \oint_{\partial V} \vec{F} \cdot d\vec{A}$

Já o **Laplaciano** é um caso especial (que estenderemos depois) onde o nosso campo \vec{F} pode ser descrito por um potencial escalar ϕ , i.e., $\vec{F} = \vec{\nabla} \phi$. Nesse caso, temos por definição que o Laplaciano de uma função escalar é:

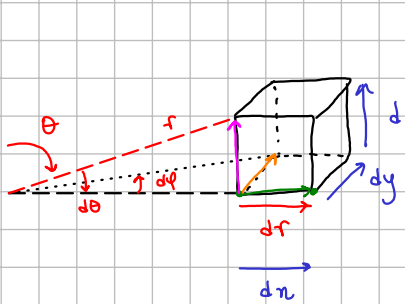
$$\vec{\nabla} \cdot \vec{\nabla} \phi \equiv \nabla^2 \phi = \lim_{V \rightarrow 0} \frac{1}{V} \oint_{\partial V} \vec{\nabla} \phi \cdot d\vec{A}$$

Assim fica fácil! É só substituir F_x por $\frac{\partial \phi}{\partial x}$, F_y por $\frac{\partial \phi}{\partial y}$ e F_z por $\frac{\partial \phi}{\partial z}$.

O Laplaciano em cartesianas fica:

$$\nabla^2 \phi = \frac{\partial^2 \phi}{\partial x^2} + \frac{\partial^2 \phi}{\partial y^2} + \frac{\partial^2 \phi}{\partial z^2}$$

Enquanto que em esféricas precisamos ter um pouco mais de atenção, pois o gradiente muda.



$$\begin{cases} d\hat{r} = dr \\ d\hat{\theta} = r \sin\theta d\varphi \\ d\hat{\varphi} = r d\theta \end{cases} \quad \begin{aligned} \frac{\partial}{\partial x} &= \frac{\partial}{\partial r} \\ \frac{\partial}{\partial y} &= \frac{1}{r \sin\theta} \frac{\partial}{\partial \varphi} \\ \frac{\partial}{\partial z} &= \frac{1}{r} \frac{\partial}{\partial \theta} \end{aligned}$$

Logo, o gradiente e o Laplaciano em esféricas ficam:

$$\begin{aligned} \nabla \phi &= \left(\frac{\partial}{\partial r}, \frac{1}{r} \frac{\partial}{\partial \theta}, \frac{1}{r \sin\theta} \frac{\partial}{\partial \varphi} \right) \phi \\ \nabla^2 \phi &= \frac{1}{r^2} \frac{\partial}{\partial r} \left(r^2 \frac{\partial \phi}{\partial r} \right) + \frac{1}{r \sin\theta} \frac{\partial}{\partial \theta} \left(\sin\theta \frac{\partial \phi}{\partial \theta} \right) + \frac{1}{r \sin\theta} \frac{\partial}{\partial \varphi} \left(\frac{1}{r \sin\theta} \frac{\partial \phi}{\partial \varphi} \right) \\ &= \frac{1}{r^2} \frac{\partial}{\partial r} \left(r^2 \frac{\partial \phi}{\partial r} \right) + \frac{1}{r^2 \sin\theta} \frac{\partial}{\partial \theta} \left(\sin\theta \frac{\partial \phi}{\partial \theta} \right) + \frac{1}{r^2 \sin^2\theta} \frac{\partial^2 \phi}{\partial \varphi^2} \end{aligned}$$

Intuição $\nabla\phi$, $\vec{\nabla} \cdot \vec{F}$, $\nabla^2\phi$

- O GRADIENTE DE UM ESCALAR APONTA NA DIREÇÃO DO MAIOR CRESCIMENTO LOCAL DA FUNÇÃO.
- O DIVERGENTE INDICA A PRESENÇA DE DRENOS OU FONTES NO CAMPO VETORIAL. SABER SE HÁ UM DRENO OU UMA FONTE CONSISTE EM ANALISAR, Perto A Ponto, O QUANTO O VOLUME AO SEU REDOR ESTÁ SENDO CONTRAÍDO OU EXPANDIDO PELO "TRANSPORTE" DO CAMPO VETORIAL (MEDE A TAXA LOCAL DE CRIAÇÃO / DESTRUIÇÃO DE FLUXO).
- O LAPLACIANO É UM DIVERGENTE ESPECIAL QUANDO $\vec{F} = \nabla\phi$ (PODEMOS EXPRESSAR O CAMPO COMO O GRADIENTE DE UM ESCALAR).